

Exposição Histórias de Faxinais

Parte do projeto de mesmo nome premiado na 8ª edição do Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus, esta exposição busca mostrar um pouco da memória dos povos tradicionais habitantes do Faxinal dos Ribeiros – onde se localiza o Colégio Estadual do Campo Prof. Izaltino Bastos – e comunidades vizinhas. Traz objetos e imagens que circularam e circulam por distintos espaços do cotidiano, falando das várias esferas da vida: alimentação, trabalho, casa, quintal, família, escola, mata, guerra.

Objetos que, guardados como preciosidades por suas detentoras e detentores, os vinculam a seus antepassados e aos caminhos percorridos para chegarem a Pinhão e aqui se estabelecerem. Em cada um deles, uma história que narra o estilo de vida construído e valorizado ao longo de gerações. E que é recontada hoje pelas crianças e jovens estudantes do Colégio Izaltino.



Povo Tradicionalista do Faxinal dos Ribeiros

Nos tempos de antigamente, os povos se comunicavam através de cartas escritas e fotografias. As casas eram construídas de tábuas lascadas no machado, cobertas com esteira de taquara produzidas pelos mesmos.

Todos eles trabalhavam somente na lavoura, nas roças, para tirar o sustento da família. Para levar seus mantimentos até sua residência era com cavalos transportando em cestos e bruacas (cestos de couro). Eles se reuniam em mutirão entre os vizinhos para realizar serviço braçal, que era roçada de capoeira, arados com tração animal. Muitas vezes levavam erva-mate ao sapeco no barbaquá sem custo nenhum. Após realizar o serviço, o dono fazia uma recepção para os trabalhadores com janta e bailes, que eram iluminados à luz de lampião a querosene e candeeiros.

Suas mobílias eram fabricadas por eles mesmos: fogão de pedra, a cama era chamada de tarimba (cama de varinha), colchão de palha de milho, acolchoado de pena de ave. Existiam somente panelas de ferro e de barro.

Todo agricultor tinha suas criações, vaca, porco, carvão, etc. Porcos eram criados soltos. Depois de gordos, eram tocados como tropa para o abate. Muitas vezes demoravam dias até chegar a seu destino. Das vacas era tirado o leite para o consumo próprio.

Naquela época geralmente tinham vários filhos. Todos eram criados na roça, ajudando os pais. Muitos deles não tinham oportunidade de estudar, pois tinham que trabalhar para ajudar seus pais e moravam em lugares de difícil acesso. Para fazer suas compras ou ir ao médico, o meio de transporte era apenas cavalos e carros de boi.

Gessica Fernanda Machado Mendes
3ª série





CUNHA

*Cedido por:
Pedro Verbaneck*

Peça de formato agudo em metal, usada para “fender” a madeira, bem como calçar objetos. A penetração da cunha nos objetos se dá com o uso da marreta.



MARRETA

*Cedido por:
Pedro Verbaneck*

Martelo pesado de ferro com cabo comprido de madeira.



TRADO

*Cedido por:
Pedro Verbanek*

Ferramenta manual, feita de ferro, utilizada para fazer furos na madeira.

ENXÓ

*Cedido por:
Pedro Verbanek*

Instrumento composto por um cabo de madeira curto e uma ou duas lâminas curvas de ferro. Usado em carpintaria para dar forma à madeira. Destaca-se seu uso na produção de cochos e gamelas.



História de Nossa Geração

Pinhão, Faxinal dos Ribeiros. Contam os mais velhos que não existia condução motorizada. Não tinha estradas como agora, as pessoas viajavam no lombo de um cavalo e transportavam carga em carroça e cargueiros de um animal. Não tinha energia elétrica. O povo utilizava luz de velas e lampião a querosene. As pessoas tomavam banho nos rios, baldeavam água das minas em baldes para cozinhar. Não tinha sanitários, todos tinham patentes nas propriedades. E as brincadeiras eram jogar bola, jogar peteca e andar em carrinhos de rolimã e outras brincadeiras.

Agora, nos tempos de hoje, as coisas são muito diferentes: agora já tem tecnologia e energia elétrica. As coisas são mais fáceis e as pessoas trabalham em cidade. As coisas antes eram difíceis.

Everti Ferreira de Lima - 6º ano



Caminhão de Madeira

Cedente: Antônio e Jocinei Macedo de Siqueira

Caminhão de brinquedo, artesanal, feito em madeira e plástico, com caçamba e rodas, sobre o qual uma criança pode sentar-se e ser puxada por outra. A cabine tem uma entrada superior, funcionando também como recipiente para transportar objetos.



Setra

Cedente: Samuel Silva Freitas

Atiradeira que consiste em uma funda de borracha, presa às extremidades da bifurcação de uma forquilha de madeira. Utilizada como brinquedo por crianças. Também chamada bodoque ou estilingue.



Gaita de Sopro

Cedente: Dominginhos Ferreira

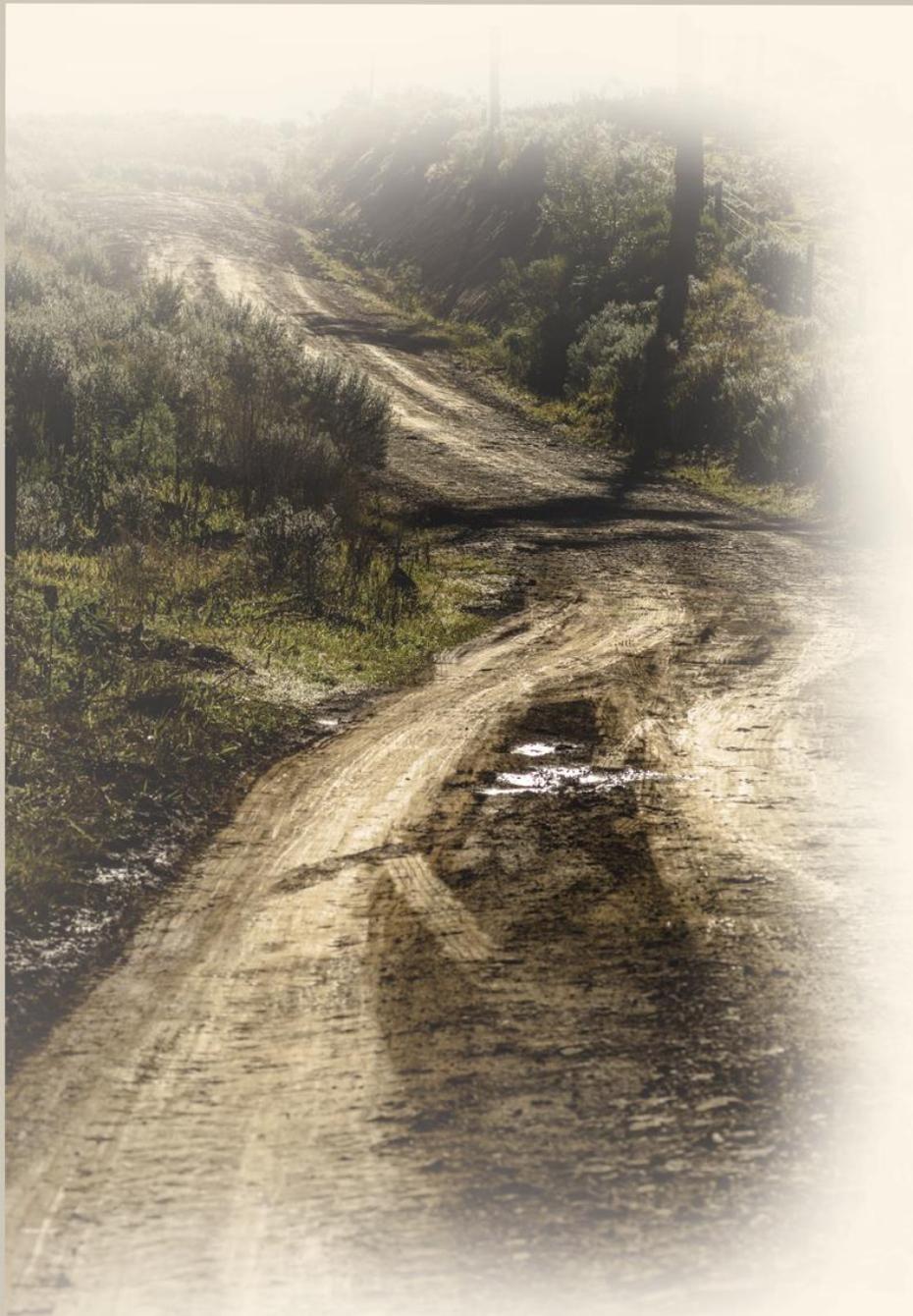
Também conhecida como gaita de boca ou gaita harmônica. Confeccionada em plástico e metal, de fabricação chinesa. Já precisou ser consertada algumas vezes por seu dono, que a toca com frequência.



Rádio Valvulado

Cedente: João Wilmar de Oliveira

Principal aparelho de recepção de ondas médias presente na maioria dos lares entre 1930 e 1960. Importante meio de comunicação no interior do Brasil.



O Passado de Meus Avós

Meus avós moravam em um lugar que não tinha estrada, era só mata fechada, onde só se podia andar a cavalo. Mesmo assim era difícil, porque havia buracos que cabiam as patas dos cavalos, dificultando a passagem. Mas era o único meio de transporte deles.

Com o passar do tempo, surgiram as carroças. Só que o povo ficou muito assustado, porque ninguém conhecia algo parecido. Meus tios, quando viram a carroça vir na direção em que moravam com meus avós, tinham visto um bicho de sete cabeças. Saíram correndo e, de tão apressados, não viram uma porteira, onde eles bateram. Mas conseguiram passar e foram se esconder dentro de casa.

Naquele tempo, meus tios sofreram muito. Não tinha nem escola, as pessoas que sabiam um pouco já eram professoras deles. A dificuldade era tão grande que, quando estava muito frio, como eles não tinham calçado, pegavam as maiores espigas de milho e faziam tranças em forma de sapatos. Mas não duravam muito, até os porcos os atacavam por causa da palha. Eles ficavam tristes, porque continuavam sem sapatos. Esse foi um pouquinho do passado dos meus avós.

Pâmela Mendes Fagundes - 6º ano

Montaria (Pelego e Sela)

Cedente: Dominginhos Ferreira

Equipamentos com que se prepara a cavalgadura para montaria. O pelego, colocado abaixo da sela e de material macio, tem como objetivo amortecer o impacto com o couro do animal. A sela, feita em couro, fornece suporte para o corpo do cavaleiro.



Cincerro

Cedente: Júlia Stephany dos Santos Machado

Sino confeccionado em ferro utilizado para localização do rebanho. Coloca-se pendurado ao pescoço de algum animal.

Cestos e cangalha

Cedente: Sílvio Matias

Cestos grandes e alongados, feitos de cipós rijos, vime ou fasquias de bambu, que se prendem a um animal de carga, utilizado no passado e no presente para transporte em geral. São sustentados por uma estrutura de madeira presa ao corpo do animal, conhecida como cangalha. Na região dos faxinais, fundamental para o transporte dos alimentos das terras de lavoura para as áreas de consumo (casas).



As Mulas do Bisa

O bisa era dono de vários animais: cavalos, burros, mulas, etc. Ele usava no trabalho da roça esses animais, onde transportava os mantimentos que colhia.

No lombo dos animais, os alimentos colhidos eram trazidos em forma de cargueiros, a viagem era longa. Naquela época não existiam carros, caminhões ou outros tipos de transporte, somente animais. Também não havia estradas, apenas carreiros. A vida naquele tempo era muito difícil.

O bisa tinha doze filhos: Adão, Pedro (in memorian), Jorge, Alcindo, Sebastião (in memorian), Domingos, Eva (in memorian), Rosalina (in memorian), Maria Helena, Francisca e João. Os mais velhos trabalhavam com ele para ajudar no sustento da família. Os meninos saíam de madrugada para buscar os animais no mato. Como eles não tinham calçado, faziam sapatos de palha para enfrentarem a geada no tempo de inverno.

Mas os meninos foram crescendo e saindo de casa. Então o bisa, como era muito esperto e percebeu que o trabalho iria sobrar para ele, começou a ensinar as mulas a virem sozinhas.

Colocou cincerros nas bichinhas. E todos os dias ele dava comida para elas, às quatro da madrugada chamava as mulas assim: “Ei, ei, ei”. Onde elas estivessem, escutavam o chamado dele e vinham batendo os cincerros ao redor da casa, os outros animais também acompanhavam as mulas. Então lá estava o bisa, todos os dias, com a recompensa de suas mulas. Com essa sua ideia, não precisou mais ir buscar os animais no mato.

Algum tempo depois o bisa acabou falecendo e as mulas também, mas até hoje os cincerros das mulinhas estão na casa de um dos seus filhos.

Julia Sthefany dos Santos Machado – 8º ano



CHINCHO DE ROSA

*Cedido por:
Maria Onória Moraes Santos*

Molde em madeira com pequenos furos laterais, utilizado para prensar a massa do queijo. O modelo de rosa traz a este chincho seu caráter particular, permitindo a elaboração de queijos com formato pouco usual.



CALDEIRÃO DE FERRO

*Cedido por:
Thaís Aparecida Correa*

Panela de ferro com alça superior. Há caldeirões de tamanhos variados e seu uso se dá também em fogões de lenha, fornalhas e em “fogo de chão”.



CHALEIRA DE FERRO

*Cedido por:
Elfrida Siepmann*

Utensílio doméstico em ferro, arredondado, com bojo mais largo, tampa no topo e bico lateral, utilizado para aquecer água. Presente no dia-a-dia sobre o fogão à lenha. Observe-se, neste caso, o fato da chaleira ter passado por consertos e alterações ao longo do tempo - tais como a improvisação de uma tampa em alumínio e de um cabo feito por arame grosso retorcido.



PANELA DE FERRO ou "forma de fazer coração"

*Cedido por:
Pedro Verbanek*

Peça com duas chapas em ferro sobre a qual se fazia uma massa de textura quadriculada (conhecida em outros locais como waffle), neste caso em formato de coração.

História de Minha Mãe

Nós morávamos em um paiolzinho coberto de esteira de taquara, dos lados também. Naquela época não tinha assoalho, era só terra mesmo. Nós lavávamos as roupas em um rio e tomávamos banho. O fogão era feito de pedra rebocada com barro, nós socávamos no monjolo de pé, fazíamos farinha. Morávamos muito longe da roça e do comércio. A gente fazia farinha no forno, mas não de carvão. Nós trabalhávamos na roça. Minha mãe tinha trinta e cinco anos na época, agora está com sessenta e cinco e ainda trabalha na lavoura. Para ir à escola, a gente ia a pé ou a cavalo, porque era muito longe. A borracha era feita de tampinha de vidro de vacina ou de chinelo havaiana. A mãe não deixava a gente sair e nós não sabíamos se era sábado ou segunda. Antigamente as mochilas eram feitas de saco de farinha ou pacote de arroz. O nome disso era quarta pato. O uniforme era feito de amorim. História real.

Weiglas Vinícius Camargo de Paula - 6º ano



Balaio

Cedente: Leandro Campos da Cruz

Cesta circular com a circunferência da borda maior do que a do fundo, feita de bambu ou cipó.



Cesto de Ovos

Cedente: Neuciane Santos de Lima

Cesta de taquara, bifurcada, utilizada na coleta e armazenamento de ovos.



Peneira

Cedente: Leandro Campos da Cruz

Utensílio circular, com moldura de madeira e fundo formado por fios entrelaçados taquara, empregado para separar substâncias reduzidas a fragmentos, retendo as partes grossas.



Sururuca

Cedente: Leandro Campos da Cruz

Tipo de peneira de trançado largo, feita de bambu, utilizada na fabricação de farinha de beiju, a fim de não deixar os pedaços muito grandes.

Então vou falar sobre a história que minha avó conta. Ela falou que a casa era de esteira de taquara e lona, os colchões eram feitos de palha e eles dormiam no chão perto do fogo para se esquentar, porque não tinham muitas cobertas. O fogão era feito de pedra e cinza ou barro. As bacias, colheres e conchas eram gamelas de pau. Para tomar banho era em lajeado e bica, diz ela que era muito bom. A luz deles era lampião e biquinho de querosene, os calçados, alpargatas, e o chinelo de couro. Não tinham geladeira, eles tinham que deixar a carne em cima do fogão para não estragar. Os brinquedos quando ela era criança eram feitos de chuchu e espiga de milho: do chuchu eles faziam os animaizinhos e das espigas de milho eram feitas bonecas.

Crislaine Brandine Camargo – 9º ano



JITÚLIO

*Cedido por:
Neuciane Santos Lima*

Antigo isqueiro, em que o fogo é gerado a partir da faísca resultante do atrito da chapa de metal com a pedra e que acende material contido no interior do tubo.



FORMA DE SAPATO ou "pé de ferro"

*Cedido por:
Pedro Augusto Ferreira Kinceler*

Peça em ferro com formatos do pé em vários tamanhos sobre a qual o sapateiro fabrica seus calçados.



FERRO A BRASA

*Cedido por:
João Wilmar de Oliveira*

Artefato em ferro com tampa móvel presa por gancho e cabo de madeira, utilizado para passar roupas. Em seu interior eram colocadas brasas de madeira, normalmente resultantes da queima de lenha em fogões, a fim de esquentá-lo. Nas laterais há buracos que permitem a entrada de ar e eliminação de fumaça.



RENDA DE CROCHÊ

*Cedido por:
Elfrida Siepmann*

Tecido com entrelaçamento ou recorte de fios de linho, seda, algodão ou material sintético formando desenhos variados.



Minha avó conta que antigamente eles derrubavam pinheiro para fazer rancho, as moradias deles. Derrubavam com machado, faziam as tábuas, chamadas de ripão. Faziam com cunha e marreta. As marretas eram de guamirim, usadas ainda verdes (que são moles), daí secavam e não quebravam. As cunhas eram de guamirim vermelho, que é mole. Farquejavam, deixavam liso e aí não partia.

As crianças também tinham um serviço: puxar água para a casa. Como não existiam baldes, elas puxavam com purungos, uns purungões grandes que existiam. Comida, eles comiam quirera, leite, canjica, couve, mostarda, abóbora, feijão, farinha.



Todos produziam a própria comida. Comiam, dava para passar o ano e sobrava um pouco para vender. O que eles não produziam era açúcar, trigo.

E não tinha essa de muito quente, muito frio. Milho eles deixavam de molho na água de 12 a 15 dias, o milho ficava molinho, eles socavam no pilão ou monjolo. Tinha monjolo de pé e monjolo de água. A mulher socava o milho, daí o homem vinha sexta-feira de tarde com o cargueiro vazio, carregava farinha, queijo. Eles faziam o queijo: pegavam o buchinho do tatu, lavavam, soltavam no leite. No domingo de tarde o marido e o cargueiro voltavam para o paiol.

Rafael Padilha de Lima - 8º ano





PILÃO

*Cedido por:
Leandro Campos da Cruz*

Artefato feito de peça única de madeira, utilizado para socar alimentos com a mão de pilão (haste de madeira comprida).

GAMELA

*Cedido por:
Leandro Campos da Cruz*

Vasilha de madeira feita através da escavação do tronco de árvores (com o uso do enxó) ou com tábuas. Serve como utensílio doméstico ou para colocar a comida dos animais.





BANQUINHO

*Cedido por:
Dominginhos Ferreira*

Banco dobrável feito a partir de uma peça única de madeira, sendo os encaixes entalhados diretamente na peça, sem emendas.

JORNA

*Cedido por:
Elfrida Siepmann*

Moinho manual para triturar grãos, geralmente milho. Consiste em uma roda de madeira, pedra ou ferro que gira horizontalmente sobre outra, para quebrar e esmagar os grãos. Neste caso, fragmentos de ferro foram acrescentados à madeira para aumentar sua aspereza.





Devoção ao Divino

A devoção ao Divino não sei quando começou, mas todos os anos é comemorado esse dia especial. Em muitos municípios, mas principalmente em Pinhão, mais claramente no Faxinal dos Ribeiros. Esta comemoração é todo sétimo domingo após a Páscoa. Claro que a festa é feita de acordo com quem organiza.

O Seu João Lima sempre faz a festa, desde que era mais novo. Muito devoto, construiu até uma igreja em homenagem ao Divino na Comunidade do Avencal.

Já no município de Pinhão (sede) a Festa do Divino é organizada pela Igreja Matriz. Até a rua é fechada e montado um barracão para festejar.

Isso é um pouco do que vivi e do que os mais antigos me contaram.

Daniel Vieira Amaral - 2ª série

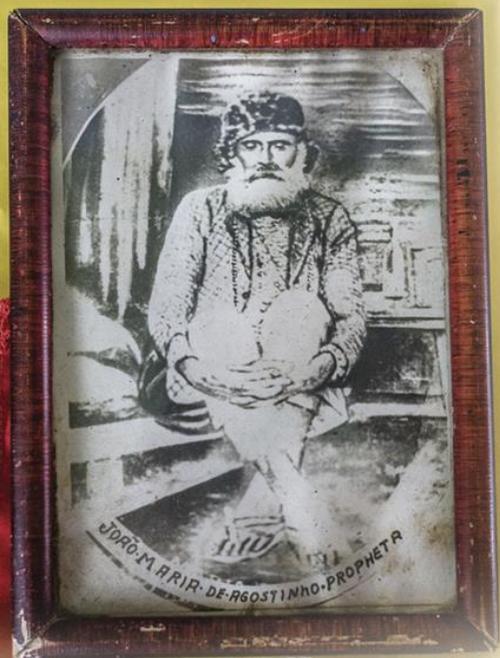


IMAGEM DE SÃO JOÃO MARIA

*Cedido por:
Júlia Maria Vieira*

Fotografia em preto e branco de São João Maria, importante santo não canônico e caminhante do Sul do Brasil. Além de suas profecias, atribui-se a São João Maria o surgimento e consagração de inúmeros olhos d'água nas regiões por onde passou. Geralmente as fotos são colocadas em locais de destaque nas casas ou compõem contextos sagrados, como altares.

CAPELA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

*Cedido por:
João Lima*

Altar da capela em louvor ao Divino Espírito Santo construída por João Lima, em madeira, ao lado de sua casa. Contém várias imagens e estampas de santos. Seu João, que teve uma experiência pessoal de morte e retorno à vida devido à graça do Divino, realiza anualmente uma festa em homenagem a ele.





IMAGEM DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

*Cedido por:
João Lima*

Imagem da pomba do Divino feita de madeira, há décadas na família de João Lima. O objeto foi colocado em suas mãos por sua mãe no momento de seu velório. Ele narra que foi uma das primeiras coisas que viu no instante em que ressuscitou. A devoção ao Divino Espírito Santo é uma das principais devoções católicas em Pinhão/PR.

LIVRO DE ORAÇÕES

*Cedido por:
Leandro Campos da Cruz*

Pequeno manual de missa antigo, contém orações e cânticos direcionados a diferentes momentos da vida e do culto. Como, por exemplo, seu uso pelos fiéis na cura de enfermidades.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA**

Reitor

Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Prof.a Dr.a Graciela Inês de Muniz

**Pró-Reitor de
Extensão e Cultura**

Prof. Dr. Leandro Franklin Gorsdorf

Diretora do MAE-UFPR

Dr.a Bruna Marina Portela

**Coordenadora do Projeto
História de Faxinais**

Prof.a Dr.a Liliana Porto

Design

Vinícius Tumelero de Oliveira

(Bolsista - Design)

Jonata Felipe de Sousa

(Bolsista - Design)

Pesquisa

Prof.a Alexandra Vanessa Portella

(SEED/PR - Coordenação

Local de pesquisa)

Prof.a Adriana Aparecida Padilha

(CRC Izaltino Bastos - História)

Rodrigo Marcondes Vieira

(Bolsista - Ciências Sociais)

Zhu Shuwen

(Bolsista - Design)

Fotografia e Edição

Douglas Fróis (Fotógrafo MAE-UFPR)

Amanda Luiza de Souza

(Bolsista - Ciências Sociais)

Produção Cultural

Me. Fábio Luís Gasparello Marcolino

(Produtor Cultural MAE-UFPR)

Expografia

Me. Ana Luisa de Mello Nascimento

(Museóloga MAE-UFPR)

Equipe MAE

Ana Luisa de Mello Nascimento

Bruna Marina Portela

Dorila Rosane de Paula Rodrigues

Douglas Cléverson Fróis

Fábio Luís Gasparello Marcolino

Gabriela de Carvalho Freire

João Roberto Gasparin Kalluf

José Antonio Miquilino Barbosa

Liliana de Mendonça Porto

Luiz César Rodrigues

Marlon André Generoso

Regiane Souto Pereira Pelaquini

Renata Cecília Cherobim Rugilo

Tamara Fernanda Carneiro Evangelista

Sady Pereira do Carmo Júnior

Wesley da Cunha Ventura

Yara Aparecida Garcia Tavares

**COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO PROF.
IZALTINO RODRIGUES BASTOS**

Diretora

Prof.ª Selma do Belém

Caldas

Pedagoga

Prof.ª Marli de Fátima

Oliveira

Professora de História

Prof.ª Adriana Aparecida

Padilha

Equipe

Adriana Aparecida Padilha

Alisson Nunes de Oliveira

Bianca Karine B. dos Santos

Bruna Aparecida Ferreira

Celso Baldoino Ribas

Dejani Inês Varnier

Edenise Aparecida Oliveira

dos Santos

Edvilson Luiz Santos

Eliandro José Padilha

Everton Albari Santos

Janete Ferreira da Rosa

Jaqueline Vujanski

Jean Tonin

João Manuel de Lima

Jossiane Camargo Gomes

Kristoffer Braiam Fabricio

Leidiane Baitel Antunes

Luciana Zampieri

Luciano Matulle

Maria Roseli Albigaus Fabricio

Marli de Fátima Oliveira

Patricia Martins Oliveira

Paulo Roberto da Silva

Portella

Selma do Belém Caldas

Soeli Cândida Oliveira de

Paula

Vandir Orzechowski

Vanessa Letiza Muller

Vanusa Pereira dos Santos

Wiviane Machado Jesbick

PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHÃO

**Secretária de
Educação e Cultura**

Prof.a Maria Aparecida

de Oliveira Santos

**Professora da Equipe
Pedagógica da Secretaria de
Educação e Cultura**

Prof.a Neuza Maria Amaral

de Carmargo Almeida

Prefeito

Odir Antônio Gotardo

Vice-prefeito

Beraldo Nunes Amaral

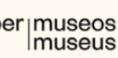
**Diretora do
Departamento de Cultura**

Danieli Aparecida Lima

Realização:



Patrocínio:



Projeto premiado 8ª edição do Prêmio IBERmuseus de Educação

Apoio: Secretaria Municipal de
Educação e Cultura

